

Mailson inicia acertos entre o Brasil e o Fundo Monetário

por Paulo Sotero
de Washington

O ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, dá início hoje, em Washington, à parte substantiva das negociações entre o governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional (FMI), que estão sendo preparadas há mais de dois meses. Fontes financeiras internacionais indicaram no início da semana, a este jornal, que depois dos dois encontros que o ministro já teve com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, e das duas rodadas de conversas preparatórias mantidas por técnicos do governo brasileiro com o FMI, em Washington, nos últimos três meses, "diferenças importantes" continuavam a existir.

Essa mesma impressão fora transmitida aos correspondentes brasileiros na capital americana pelo líder da delegação técnica brasileira, o secretário-geral adjunto da Fazenda, Michal Gartenkraut, no final da semana passada.

No governo americano, acredita-se que a distância que ainda possa persistir entre as duas partes não deve ser tomada como sinal de dificuldades insuperáveis para um acordo. É a mesma impressão colhida junto a uma bem situada fonte oficial brasileira fa-

miliarizada com o diálogo entre o Brasil e o FMI. O ministro, de acordo com essa fonte, deverá "amarrar as balizas da negociação". Nóbrega fará uma exposição sobre o programa econômico do governo ao diretor-gerente do FMI.

"Ele dirá o que é possível fazer e o que não é possível fazer. Ele procurará vertebrar a negociação e fixar seus limites, para que ela não fique nem muito aberta nem seja excessivamente longa." Encurtar ao máximo a permanência da missão negociadora no Brasil, a fim de afastar as suposições de que o programa de ajustamento tenha sido imposto ao País pelo FMI, está claramente nas preocupações das autoridades econômicas.

LIMITES

O objetivo da conversa que Nóbrega terá hoje com Camdessus, explicou a fonte, é o de traçar os limites políticos da negociação. O que se quer evitar é que a missão negociadora do FMI, que deverá estar no Brasil em meados de maio, discuta "se o déficit fiscal deverá ser de 3 ou 4%. Isso estará acertado quando a missão chegar ao Brasil".

Numa possível indicação de que o ministro já conta com o apoio político de que necessita, em Washington, para obter o fechamento do acordo entre Brasil e seus credores privados, o

secretário-assistente do Tesouro para assuntos internacionais, David Mulford, criticou duramente a "postura reativa e passiva" que os bancos assumiram nas negociações com os países endividados. Discursando na reunião anual da Bankers Association for Foreign Trade, em Boca Raton, Flórida, Mulford afirmou que os bancos deveriam "parar de reclamar, sem conhecimento, sobre o papel dos governos credores e colocar-se mais firmemente a favor de um esforço de cooperação para encontrar novos meios e caminhos para resolver o problema da dívida".

As críticas de Mulford aos bancos foram suscitadas pela insistência destes em obter uma garantia do Banco Mundial (BIRD) para uma parte dos novos créditos que concederão ao Brasil, nos termos já anunciados do pacote de renegociação, cuja finalização arrasta-se há dois meses (ver página 2).

Essas críticas haviam sido reforçadas nos dias anteriores da reunião dos banqueiros pelos discursos do presidente do Federal Reserve de Nova York, Gerald Corrigan, e por Michael Bradley, o assessor jurídico do Federal Reserve Board, num esforço articulado para convencer os bancos credores a assumir suas responsabilidades e

deixar de condicionar o progresso de suas negociações com o Brasil ao grau de participação direta ou indireta dos governos credores.

AGENDA

O ministro chega a Washington no final da manhã e almoça com os três altos funcionários do BIRD que lidam com o Brasil, o vice-presidente sênior para operações, Moen Qureshi, o vice-presidente para a América Latina, Sahid Husain, e o diretor do Departamento do Brasil, Armeane Choksi. Depois do almoço, ele assina um empréstimo de US\$ 109 milhões, que o banco aprovou no mês passado para financiar um programa de controle de doenças endêmicas no Nordeste e um programa nacional de combate a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

Antes de reunir-se com Camdessus, Mailson será recebido por Alan Greenspan, o presidente do Federal Reserve Board (Fed, o banco central norte-americano), e pelo secretário do Tesouro, James Baker, a quem deverá expor os objetivos do programa brasileiro. A conversa com Camdessus, que começa no final da tarde, continuará durante um jantar que o diretor-gerente do FMI oferecerá ao ministro na sede da instituição.